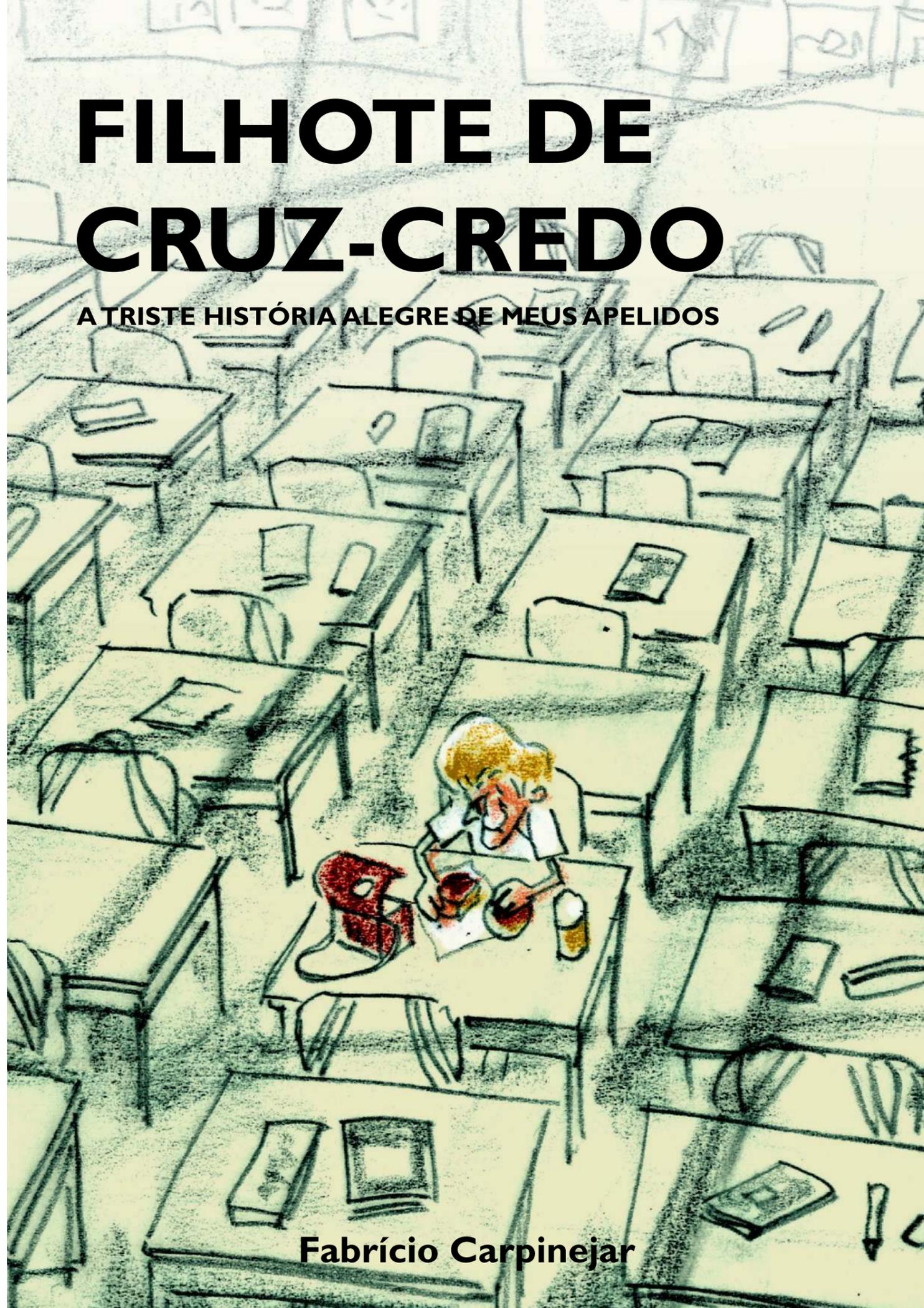


FILHOTE DE CRUZ-CREDO

A TRISTE HISTÓRIA ALEGRE DE MEUS APELIDOS



Fabrizio Carpinejar

FILHOTE DE CRUZ-CREDO

A TRISTE HISTÓRIA ALEGRE DE MEUS APELIDOS

Fabício Carpinejar
ilustrações Rodrigo Rosa

“Sou feio, feio de nascença, mais feio do
que você possa desenhar.”

Não fiquei feio com o tempo, mas também o tempo não me deixou bonito. Meu nariz é indeciso, tem um desvio que não termina em ponta. É uma batata quente. Parece que apanhei em uma briga.

Apanhei ao nascer. Quando me enxergam, perguntam o que houve comigo.

— Não houve nada, por quê? — replico.

— É que teu nariz saiu do lugar — falam.

Acho que meu nariz não gosta de ficar sentado no mesmo lugar no rosto. Deve ser isso: dói a coluna do nariz.

Queria dizer que sou feio por um acidente e contar as histórias mais trágicas. Mas não teve acidente. Não escorreguei da bacia, nenhuma trombada que me deformasse.

Sou assim: feio feio. Naturalmente feio.

Ser feio chama a atenção. Às vezes mais do que gente bonita. Surge um feio e as crianças e os adultos fofocam:

— Olha lá a cara dele!

Ser feio é quase uma profissão. Qualquer um recebe apelidos. O feio recebe uma porção deles. Poderia vir ao mundo sem nome que não sentiria falta. É um desperdício dar nome a um feio como eu. Não vai ser chamado desse jeito mesmo.



Custou para me reconhecer feio. Não foi assim fácil. Meus pais viviam dizendo que eu era bonitinho.

Desde nenê, bonitinho pra cá, bonitinho pra lá. Eu sentava no colo da mãe e ela já suspirava:

— Como meu filho é bonitinho.

De tanto escutar, me convenci. Pena que o mundo não concordava com eles. Eles me chamavam de bonitinho porque me amavam. Nem todos me amavam para me considerar bonitinho.



Um dia, o chuveiro estragou, enfrentei o banho frio e o vidro do espelho não ficou embaçado. Tinha sete anos. Observei pela primeira vez, com calma, minha cara no espelho e tomei um susto...

— Vixe! Não vai dizer que esse sou eu!

Toquei no meu nariz, achei grande demais.
Toquei na minha testa, achei comprida demais.
Toquei no formato da cabeça, achei oval demais, não era redonda como a dos meus colegas, não era certinha como a dos meus irmãos, não se podia desenhar contornando um pote de geléia com o lápis.

Igual a um pneu furado de carro...

Havia ainda um queixo pontudo, que não combinava com as orelhas pequenas e a boca menor ainda.

Eu descobri que era feio e fui correndo para a cozinha contar à mãe.



Cheguei esbaforido com a novidade:

— Mãe, eu sou feio, né?

Ela fritava batatinha, com avental amarelo, a dois passos de distância do fogão para não se queimar com a banha. Ela nem deu importância:

— Não, meu filho, você é bonitinho.

Não aceitei, eu tinha visto, não aceitei e retruquei:

— Não me mente mais, mãe, eu sou feio, né?

Ela fez de conta que eu não existia:

— Não, meu filho, você é bonitinho.

Avancei, perigosamente, rumo à sua figura e à banha saltitante. Puxei seu avental, que se soltou. Ela já perdia a paciência com minha insistência.

— Sou feio, né, mãe?

Ela, já irritada, xingou:

— Sim, você é feio, mas sai daqui senão vai se queimar!

Não havia mais dúvida, o jeito seria lidar com as brincadeiras.

Pena que a verdade não veio cedo para ser minha amiga.



Um apelido só fica se a gente não gosta. Quando se começa a brigar, aí sim as pessoas vão nos chamar daquele apelido. A melhor tática para não ficar com um apelido que não se gosta é não revidar, não implicar e até aceitar. O apelido é do contra.

Calçava botas ortopédicas com ferro na dianteira, para tentar consertar os pés chatos. Minhas botas usavam aparelhos nos dentes.

As solas eram pesadas, eu me arrastava para subir ladeiras. Patins sem rodas. Ia lento como uma lesma no sol.

Naquele tempo, ninguém tinha dinheiro para comprar uma bola. Roubava uma meia da gaveta dos pais, enchia de pano e papel e inventava algo que lembrasse uma circunferência.

Confiava que jogava bem futebol, que as crianças saíam da minha frente porque não conseguiam alcançar e conter meus dribles. Sumiam, na verdade, para escapar de um pontapé da minha bota metálica e dentuça. Se fazia gol, era porque ninguém queria se machucar.



Carregava uma cabeça enorme. Abacate vazio. Ovo com aquela casca irritante que fica grudada depois de fervido.

Um rosto estranho, como se não tivesse sido acabado.

Na aula debochavam de mim, que o médico trocou o feto pela placenta.

Eu não sabia o que era placenta e começava a rir.
Hoje sei o que é placenta e começo a chorar:

A placenta é um órgão da barriga da mãe que faz a criança se comunicar com ela e é jogado fora depois do parto.

O feto é a criança.
Afirmavam que eu era o lixo.



As pernas formavam dois galinhos tortos. Um pouquinho de vento e voava. Só não voava porque as botas ortopédicas me mantinham preso ao chão como uma âncora.

Magrinho, magrinho, só osso de passarinho.

Falava errado, trocava o R pelo L, o D pelo T, o P pelo B. Quase acertava o resto das palavras.

Caminhava com meu irmão Igo a tiracolo para que as pessoas me entendessem.

Quando alguém perguntava meu nome, eu respondia:

- Fabrito.
- Como?
- Fabrito.
- Como?

Na terceira vez, não agüentava e pedia para meu mano me ajudar.

— Pergunta pro Igo, que ele “prica”...

Com o irmão longe, falava pouco. Menos do que o grampeador do escritório de meu pai.



A mãe guardava a mania esquisita de colocar remendos de couro na calça.

Eu sempre estava preparado para a festa junina.

Quando rasgava uma calça, queria ganhar uma nova. Mas não acontecia. Estrebuchava no solo, esfolava as pernas, tombava de bicicleta, abria rombos no tecido e minha mãe se debruçava na máquina de costura, pedalava, pedalava e me entregava a calça:

—Agora está novinha.

Não estava novinha. Estava velhinha com remendos novos.

Numa tarde, rasguei a bunda da calça descendo um muro. Vibrei! Minha mãe não poderia colocar couro na bunda do abrigo (ela apenas botava nos joelhos e nos cotovelos).

Na aula seguinte, fui à escola com couro na bunda. Motivo de chacota, os colegas brincavam que eu tinha uma sela de cavalo no traseiro.

Meu primeiro apelido foi Cavalinho de pau. Nem preciso dizer por quê.



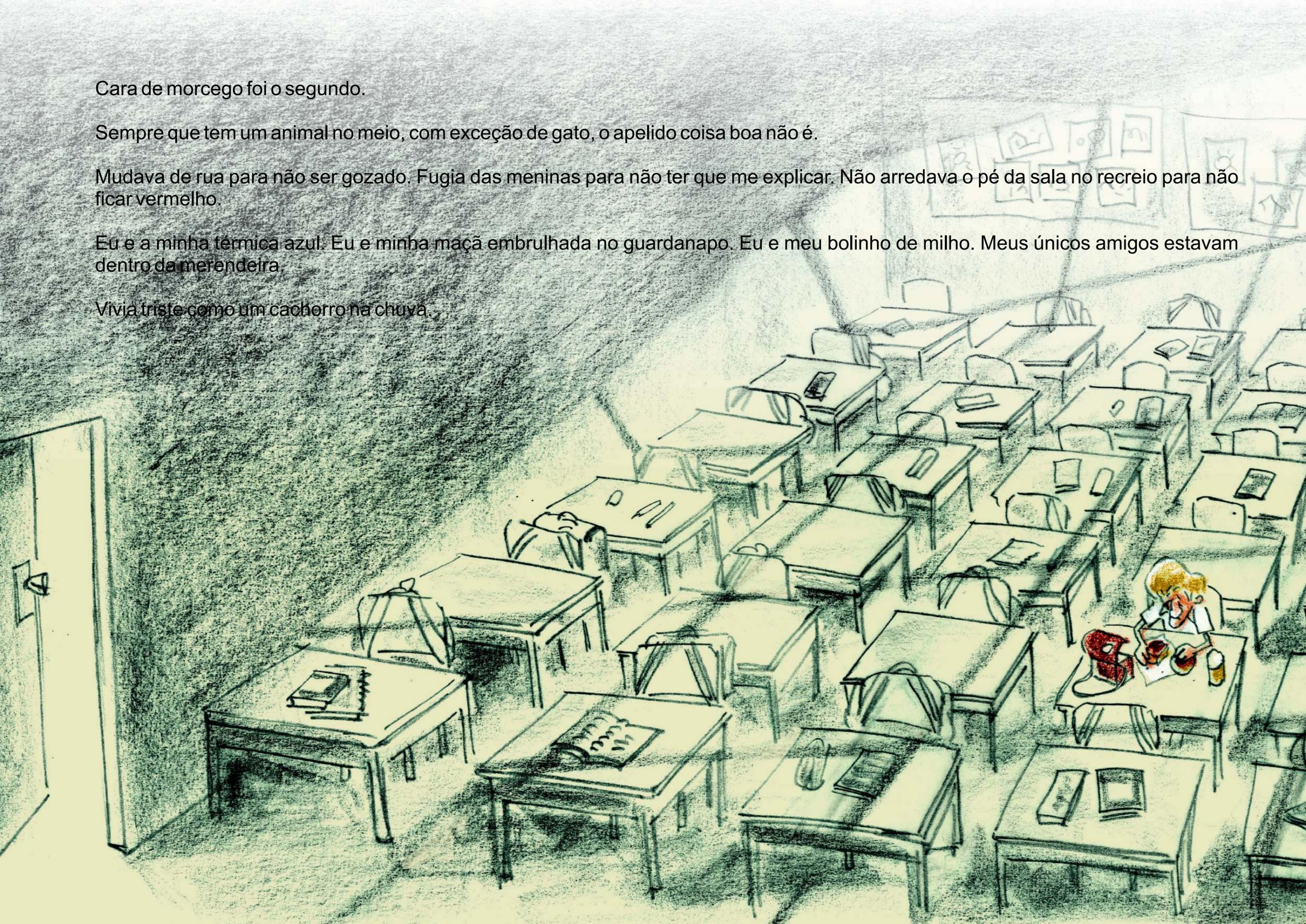
Cara de morcego foi o segundo.

Sempre que tem um animal no meio, com exceção de gato, o apelido coisa boa não é.

Mudava de rua para não ser gozado. Fugia das meninas para não ter que me explicar. Não arredava o pé da sala no recreio para não ficar vermelho.

Eu e a minha térmica azul. Eu e minha maçã embrulhada no guardanapo. Eu e meu bolinho de milho. Meus únicos amigos estavam dentro da merendeira.

Vivia triste como um cachorro na chuva.



Gostava de desenhar.

Não conseguia definir o momento de parar de colorir.

Mangueirava a cor no papel como se fosse um jardim.

O trabalho da turma terminava e eu continuava riscando.

Acabava quando quebrava a ponta do lápis.



Gostava também da professora.

Desenhava árvore sem chão e a professora se preocupava.

Quando se assustava, permanecia perto de mim. Cheiro doce de cabelos molhados.

Passei a errar o desenho com o interesse de prender a atenção dela.



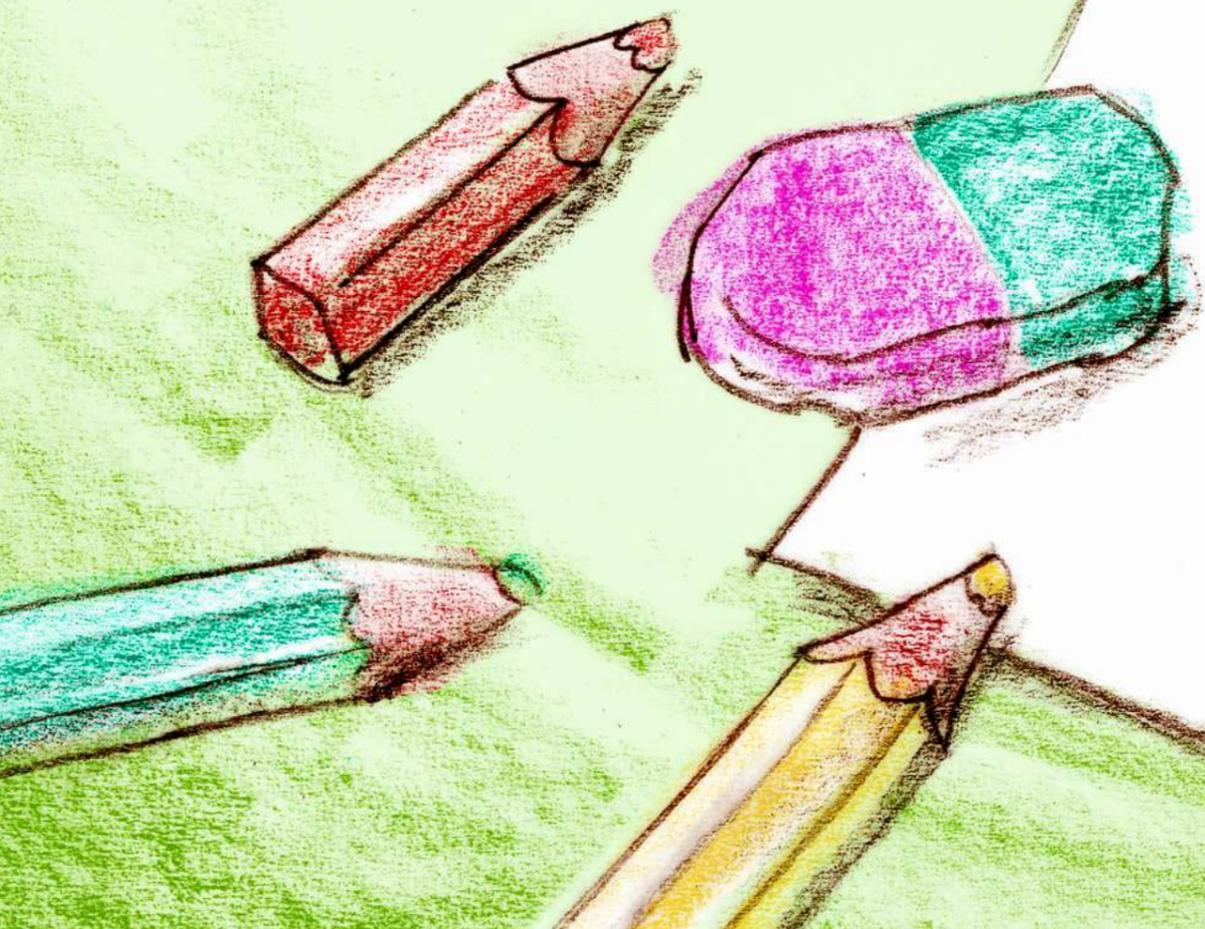
Eliminei os galhos na outra semana.

Depois eliminei as frutas.

E finalmente eliminei as folhas da árvore.

Tudo de propósito, para ela se preocupar comigo.

No final, minha árvore virou as pernas da professora boazuda.



No futebol, eu me soltava. Unicamente no futebol.

Pretendia ser igual ao Falcão, volante do Inter. Com a cabeça erguida, ele lançava sem olhar para a bola e deixava os adversários comendo poeira. Preguei um pôster dele atrás da porta do meu quarto.

Na educação física, as meninas se escoravam no muro e reparavam nos meninos jogando futebol. Cochichavam, apontavam para algum deles, comentavam cada lance.

Eu também jogava. E buscava aparecer para elas. Ao menos, me esforçava.

Desejei rodar na primeira série e repetir a professora.

Ela não quis casar comigo e fui para a segunda série.





Numa manhã nublada, conquistei a bola no meio-campo, escapei de um, de dois e de três marcadores e chutei no canto do goleiro. Fiz meu primeiro gol com bola de futebol, e não com meia do meu pai.

Pulei emocionado, emagrecendo de repente as botas ortopédicas.

Mas alguém na torcida gritou na minha direção:

— Panqueca!!!

Uma voz feminina. Talvez de Alice, não tive tempo de definir. A Alice, a mais linda da escola, a que todos sonhavam namorar — depois da professora.

Acreditei que “Panqueca” não era para mim — havia outros jogadores na quadra. Continuei a partida, movido à pilha amarela dos meus cabelos e de Falcão.

Ganhei outra bola na ponta direita e chutei de reflexo. Entrou no cantinho, entre o goleiro e a trave.

Na hora de comemorar o gol, emudeci, gelei, tremi.

Alice gargalhava:

— Panqueca! Panqueca! Panqueca! O colégio inteiro passou a imitá-la:

— Panqueca! Panqueca! Panqueca!

Deixei de ser o Fabrício. Ou o Cavalinho de pau, ou o Cara de morcego, ou o Placenta, para ser simplesmente o Panqueca.

— Jogou muito ontem, hein, Panqueca!

Os alunos se apressavam em me cumprimentar.



Nunca pergunte o motivo do apelido. Nunca. A resposta poder ser pior do que imaginava.

Eu cometi o erro e perguntei

Aproximei-me de Alice. Ela zombou de novo.

— Quer mesmo saber?

— Sim, quero.

— Ué, não reparou que sua cara é toda amassada?

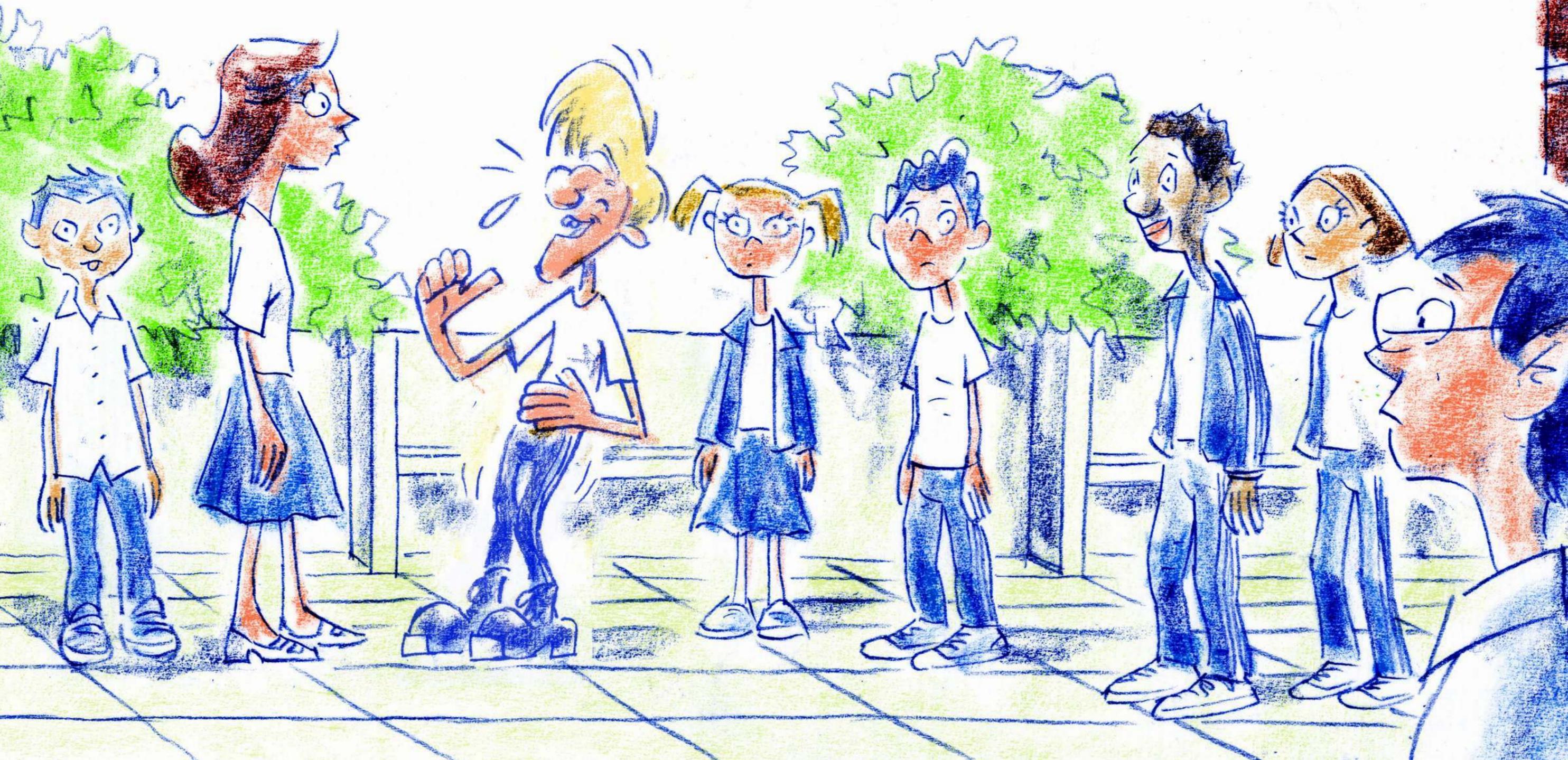


Era para ter ficado envergonhado, enquanto ela ria para suas amigas. Era para ter saído dali e não mais apertar o parafuso do pescoço. Era para ter medo de ouvir o meu nome. Mas não.

Fixei sério Alice e lasquei:

— Eu sou panqueca, ótimo, pode me dizer se é com ou sem recheio?

Alice parou de rir, e naquela hora deixei de ser piada porque aprendi a rir de mim. Não aceitei mais a provocação. Não sofri mais com que os outros pensavam de mim.





E notei que Alice escondia cabelos nos ouvidos. Muitos cabelos dentro dos ouvidos.

Antes de sair, perguntei a ela se iria para o cabeleireiro.

— Por quê? , retrucou.

— Porque teus ouvidos estão cabeludos — e ri alto. Todo mundo me acompanhou:

— RÁ! RÁ! RÁ! RÁ! RÁ! RÁ!

— Essa foi muito boa, Fabrício — comentavam comigo, batiam em minhas costas com admiração.

Ouvi falarem Fabrício! Ouvi Fabrício! Ouvi Fabrício fora da lista de chamada!

Curei-me do apelido, assim como me curei de doenças da infância como catapora e caxumba.



Alice se tornou a Orelha Cabeluda. Ela não me perdoou. E não me esqueceu. Foi minha primeira namorada.

Beijei seus lábios com gosto do Nescau que levava na térmica. Sua boca quente como o leite.

Meus olhos verdes passearam de olhos dados com ela.

Hoje me acho bonito do meu jeito, bem feio.

